



O impacto da mídia no ritual religioso de autopenitência do corpo na comunidade dos penitentes da cidade de Barbalha no Ceará¹

Marcos Martinez MUNHOZ²

Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, SP

Regina ROSSETTI³

Universidade Municipal de São Caetano do Sul, SP

RESUMO

O objetivo deste artigo é tratar do impacto de um documentário televisivo no ritual religioso de autopenitência do corpo realizado pelos Penitentes da cidade de Barbalha no sertão do Cariri, Ceará. Aborda questões sobre a penitência no catolicismo popular e as consequências da exposição midiática e espetacularização do ritual religioso de autoflagelo. A metodologia envolve pesquisa bibliográfica, pesquisa documental com análise do documentário do SBT e entrevistas com os últimos penitentes remanescentes do grupo de Barbalha pertencentes à chamada Irmandade da Cruz.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação e religião; corpo e mídia; autopenitência

Introdução

A partir de uma religião oficial, os penitentes de Barbalha criaram uma cultura popular, costumes de ordem medieval adquiridos por meio de ensinamentos que modificaram e trouxeram o pensamento a um grupo de moradores da região do sertão do Cariri. Este grupo de penitentes da cidade de Barbalha-CE foi formado a partir de uma seca no Nordeste, a grande seca na região do Crato, e da morte em massa pela denominada “peste”, fazendo com que eles aceitassem a ideia de uma doença divina, os obrigando a recorrer a costumes religiosos medievais, divulgados oportunamente pela memória eclesiástica cristã. Os idealizadores deste flagelo divino explicavam por meio das penitências em grupo e da demonstração pública o ensinamento divino como adoção de uma verdade. O palco serviu oportunamente ao povo agrário do sertão, o qual reuniu

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

² Doutorando do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC/SP e Mestre em Comunicação pela USCS.

³ Professora do PPGCOM da USCS. Doutora em Filosofia pela USP com pós-doutoramento pela mesma universidade.



peessoas que viviam dispersas, deixando a sua cultura incrédula ou desestimulada pelos costumes agrários que cada um poderia dispor dentro da sua identidade de pensamento.

Os penitentes do Sítio Cabeceiras e do Sítio Lagoa, anteriormente, caminhavam de um lado a outro da pequena cidade de Barbalha, aos grupos de 12 pessoas, cantando seus benditos e buscando por meio da penitência a “salvação da alma”. O autoflagelo era a limpeza da alma e o ritual pela proteção de Deus contra a peste. O corpo, quando derramava o sangue, era o elemento sacrificial do contato humano com a divindade, sendo que este sangue era reconhecido pelo grupo como o mesmo sangue que foi derramado por Jesus. Os seus benditos eram cantados no caminho da penitência ou na reza de um moribundo ou na salvação das almas. Rezavam à espera da morte, encaminhando pelas rezas o doente a um extasiante caminho para o céu, ou o divino, para que sua alma fosse purificada.

O modo como os penitentes se comunicam com o mundo por meio do sacrifício do corpo, o silêncio que cada penitente criava com a sua fé, reservando-se dentro de sua casa e mantendo-se em segredo até mesmo da sua família e do seu ofício, demonstram um enfrentamento social, que suas práticas não teriam de ser comuns, como a sua fé também. O padre exercia pregações para o público nas pequenas cidades para se combater os vícios e estimular as virtudes da caridade e do amor de Deus; estas pregações tornaram-se restritas a alguns indivíduos dos grupos de penitentes, sendo que no início era a penitência pública e, depois, restrito para o grupo que conservou as tradições. As esmolas que praticavam eram de reconciliação e confissão dos participantes. Essa relação entre o corpo e o grupo se remete à significação dos símbolos da fé por parte de fiéis, criando, dessa forma, entre eles uma maneira de pensar baseada na religião.

O corpo dos penitentes, no início da Ordem, no século XIX, mantinha-se em segredo com a sua reza e com sua crença, mantendo-se fiel ao que viu em público através de seu capuz. A penitência do corpo, pelo penitente, causa estranheza do ato a quem olha. Esta penitência é sempre acompanhada com sua parcela de responsabilidade ao grupo, porém mantendo sua individualidade e segredo, que se quebra ao tornar-se pública novamente. Quando eles atendem pesquisadores, repórteres, prefeituras das cidades, pessoas curiosas, etc., o reconhecimento do indivíduo e de seu ato, a modernidade e as mudanças fazem perder o que antes era o público e o imitado para a quebra de valores e a perda de sentidos.



Catolicismo popular

Rituais penitentes realizados por leigos inserem-se entre as práticas de um catolicismo não ortodoxo que possui uma vertente de religiosidade popular. O catolicismo popular é caracterizado por práticas desvinculadas da religião oficial, com uma forma própria de ver o sagrado, também chamada de religiosidade popular.

Religiosidade popular é o conjunto de representações e práticas religiosas dos católicos que não dependem da intervenção da autoridade eclesiástica para serem adotados pelos fieis. Essas práticas se alimentam dos usos oficiais sendo recriadas. Ainda conforme Oliveira, o catolicismo popular absorve elementos do catolicismo oficial, seus significantes, porém dar-lhes uma significação própria que inclusive pode opor-se à significação que os especialistas oficialmente lhe atribuem (FREIRE, 2001, p.8).

Para Suess (2001, p.17), o problema da cultura popular surge apenas nos ditos “círculos cultos” que, vendo com surpresa o que fizeram desaparecer, agora querem salvar as suas últimas ruínas. Em analogia, se pode dizer que as questões acerca da igreja popular e do catolicismo popular não foram perguntas do próprio povo, mas designam uma nova consciência de um problema da Igreja oficial como “problemas pastorais”.

O catolicismo popular participa da rotina de grupos que assumem seus locais sagrados, símbolos e modelos como uma interpretação particular dos ensinamentos eclesiásticos da Igreja Católica Romana, conforme descreve Boff:

O catolicismo popular, pelo fato de ser popular, está sempre relacionado com o catolicismo oficial romano. As doutrinas fundamentais, os santos, os sacramentos etc. os próprios católicos do catolicismo popular se confessam dentro da Igreja oficial dos clérigos. Por isso não se pode entender o catolicismo popular sem a manutenção da relação dialética com o catolicismo oficial (VIEIRA, 2001, p. 22).

A expressão religiosa dos Penitentes de Barbalha, no sertão do Cariri, é uma manifestação religiosa de um catolicismo popular presente na cultura brasileira, mas não representa uma novidade dentro do Cristianismo. A tradição de autossacrifício do corpo é bem antiga historicamente e remonta a Idade Média (MAUSS, 2005).

Exposição midiática dos penitentes de Barbalha no documentário do SBT



Os dois grupos restantes da cidade de Barbalha, o Sítio Lagoa, liderado pelo Olímpio, e o Sítio Cabeceiras, hoje liderado pelo Chico Severo, são apresentados como o grupo dos penitentes de Barbalha no ano de 2007, na reportagem do programa SBT Repórter, episódio denominado como “Os prazeres da carne”. São demonstrados no programa, nas partes 1/4 e 2/4, os dois grupos desta cidade, discutidos neste trabalho.

Para se fazer uma interpretação do filme, a reportagem do SBT participou no dia da apresentação dos penitentes na Semana Santa, na cidade de Barbalha. Dessa forma, acompanharam os penitentes em grupos, demonstrando seus hinos, sua forma de andar, o ritual e uma conversa com o líder de cada grupo na sua casa.

Cabe observar que esta pesquisa é fílmica e analisada por um repórter para o canal de televisão, investigando e demonstrando de uma forma cinematográfica o episódio. Assim, os textos que discutem a entrevista documental e a reportagem, disponível pelo Youtube, contém diferenças antropológicas e fílmicas. Desta forma, de um lado temos o pesquisador, tentando ser participante ativo e, da melhor forma, não ser visível ou modelador de uma conduta pelo grupo ou tema pesquisa, do outro lado temos o cineasta, que tenta demonstrar através da câmera os melhores momentos, recortando o interesse, não demonstrando a realidade sistemática. Para tanto, descreve Marcius Freire:

Não é possível ignorar que o filme antropológico participa de duas exigências contraditórias: a do pesquisador e a do cineasta. As aspirações do primeiro nem sempre correspondem aquelas do segundo. Um se interessa mais pelo conteúdo, sem compreender realmente que a forma que vai constituir-lo é um elemento determinante de sua apreensão ou mesmo da sua compreensão, enquanto o outro, nem sempre se dando conta das implicações daquilo que faz, acredita que ao filmar tudo será dito – ou quase –, sem se questionar quanto à maneira como se filma. É importante ter em mente que essas desavenças, tradicionais até certo ponto, há muito fazem parte do debate que opõe os defensores de um cinema considerado apenas como uma forma artística e aqueles que sublinham suas capacidades cognitivas (FREIRE; LORDOU, 2009, p. 15).

A reportagem do SBT, através de uma lente, demonstra as cenas assim com uma reportagem fílmica, porém diferente de uma produção fílmica etnográfica. Desta forma, Freire cita Jean Rouch, resumindo os termos: “quando os cineastas fazem filmes etnográficos, eles podem até ser filmes, mas não são etnográficos; mas quando os etnográficos fazem filmes, eles podem ser etnográficos, mas não são filmes” (FREIRE; LORDOU, 2009, p 18). De acordo com Freire, buscar a ver através do que ele denomina “visível” seria uma reeducação na forma de ver o filme. Seria como educar o olhar,



inclusive do pesquisador, priorizando, assim, a pesquisa audiovisual e, desta forma, a pesquisa antropológica.

As cenas que o programa “Os prazeres da carne” apresentou na data de 02/08/2010 referem-se ao caminhar dos penitentes, ritual praticado na quarta, na quinta e na Sexta-feira da Paixão. Como é mostrado na figura 3, os penitentes do Sítio Cabeceiras caminham com os moradores na saída da igreja em direção ao cemitério, cantando os benditos, levados pelo primeiro Decurião segurando o cruzeiro. Na figura 4, são exibidos os penitentes após as cinco horas da tarde caminhando e cantando os benditos, indo às casas dos moradores pedir as “esmolas”, que pode ser alimento ou, se não tiver, pode ser dinheiro, como eles dizem. É demonstrado o canto dos benditos, mostrado pela reportagem, são bem aceitos tanto pela Igreja quanto pela comunidade e incentivados para que não terminem a tradição. Esta tradição se tornou pública pela própria exibição na TV, mas não é bem aceita pelo grupo conforme constatamos em entrevista realizada em 2012 com alguns membros. Eles disseram que acreditam que a penitência teria de ser somente para eles e não ser exibida, mas se tornou pública a pedido da própria Secretaria de Cultura da cidade.

Na série “Prazeres da carne”, são apresentados os penitentes de Barbalha como uma manifestação cultural em certa data de comemoração. É demonstrada através da câmera e pela fala do repórter descrevendo como a interpretação de um conhecimento real, mostrando a importância de perceber a diferença entre a pesquisa e a apresentação de um programa de TV. Com o auxílio do filme, o grupo é apresentado, porém não demonstra a fundo uma cultura, um povo, um momento ou certas atividades, descrevendo os aspectos sensíveis. A reportagem se preocupa com o resultado fílmico do grupo, ignorando a parte descritiva metodológica, mostrando somente uma vertente cênica. Da mesma forma que quando se faz o filme antropológico, um homem está por trás da filmagem, observando como homem e partilhando de momentos e que o influenciam; assim, não se torna um observador neutro. Tanto o repórter quanto o pesquisador transformam a ação dos pesquisados, transformando alguns aspectos que sem ela não apareceriam, distinguindo-a de um filme, no qual os autores agem conforme a interpretação simbólica da representação. Se por um lado o filme antropológico não busca a estética da produção, a reprodução fílmica, por outro lado, demonstra o que a interessa demonstrar; representa adaptando o modo que ela quer que se entenda, alterando a posição de uma câmera, a voz, as cenas e os fatos demonstrados



e recortados. Na pesquisa antropológica, busca-se o conhecimento e no filme, o entretenimento de um conhecimento.

O início da produção do cinema retratado pelo livro de Da-Rin demonstra a produção de filmes que misturam a memória, incluindo o fato de o filme ter um título que se assemelhe ao cotidiano corrente ou enredo conhecido. Ele cita que, “por exemplo, a paixão de Cristo, gênero muito explorado nos primeiros anos do cinema, abordava a *via crucis* na forma de quadros relativamente autônomos” (DA-RIN, 2006, p.28).

As culturas, por meio de valores, gestos, símbolos e rituais, se diferenciam e nas suas fronteiras entrelaçam seus valores, reconhecendo suas diferenças. Os antropólogos as entendem como culturas, porém o cineasta as entende como interpretações que irão fazer a representação espetacular de um sentido. O encantamento para com os deuses, que sempre serão envolvidos nas suas manifestações festivas, faz parte de uma repetição de gestos corporais. Porém, Jean Cazeneuve entende estes gestos corporais e rituais da seguinte forma:

Os meios de comunicação, em contato com a antropologia, a sociologia e a história, estão entre os que pretendem fazer-nos crer que todo comportamento repetitivo é um ritual. O ato de lavar os dentes é ritual? E se a simples repetição de comportamentos fosse suficiente para determinar um rito, então diríamos que os animais têm comportamentos rituais. Portanto, a repetitividade de uma ação é condição necessária, mas não suficiente para determinar um rito (FREIRE; LORDOU, 2009, p. 251).

De certa forma, os rituais e gestos são manifestações do corpo representando um Deus, que acabaram sofrendo mudanças pela sua exposição midiática que acabou por tornar público um ritual que era privado.

Os Penitentes de Barbalha na região do sertão do Cariri, no Ceará

Nesta parte do artigo, são expostas os resultados das entrevistas realizadas nas datas de 21 e 22 de dezembro de 2012, com os penitentes da cidade de Barbalha. No primeiro dia, fomos recebidos na residência do senhor Olímpio Ludugero da Paixão, acompanhado pela segunda voz, Senhor Francisco Cruz Ludugero e, no segundo dia, na residência do Senhor Francisco Severo (seu Chico Severo). Tivemos o acompanhamento e a orientação da secretária de Cultura Maria Gorete Amorim, que intermediou toda a conversa, dando estrutura as perguntas e nos levando ao local de



entrevista de cada penitente, sempre disposta a atender à pesquisa, fornecendo os materiais adicionados a este documento. Gorete, como secretária de Cultura da cidade de Barbalha, auxilia atualmente estes penitentes, fornecendo sempre que necessário as vestimentas e informações sobre pesquisadores, repórteres e outros interessados em conhecer estes dois grupos da cidade, pois, sem a presença dela, se negam a conversar com quem apareça para uma simples conversa sobre o tema do ritual. Ela, então, tornou-se a mediadora de toda a entrevista, estando sempre presente.

Esses dois grupos de penitentes, os quais entrevistamos, são sitiados ao redor da cidade, porém as residências são de difícil acesso, sendo que as ruas não são pavimentadas nem urbanizadas. São pessoas de casa simples, agrários, analfabetos e, mesmo com um esforço na escrita para assinar os documentos, fizeram questão de assinar o nome completo. O Olímpio é, atualmente, o primeiro decurião, ou o líder, do Sítio Lagoa. Muito simpático, bem conversador e determinado na sua fé, nunca acredita no erro ou na discórdia. Acreditando sempre nas suas palavras e nos seus atos com muita veracidade, explicou pacientemente toda a sua história de vida, inclusive suas idas e vindas para as grandes cidades, como São Paulo, as quais, mesmo vendo o mundo fora do sítio, da sua pequena cidade, nunca o afastaram da sua verdadeira fé e do seu ato de penitência.

A sua casa e a de Francisco Cruz são próximas ao cruzeiro, atravessando por um pequeno caminho na mata. Dali, os penitentes se organizavam e saíam para fazer a caminhada, os cantos e a penitência.

Francisco Cruz, a segunda voz ou o segundo decurião, menos falante, mais observador, concordou e permaneceu por um período menor ao nosso lado, concedendo algumas pequenas frases, parecendo respeitar a palavra do primeiro decurião. Ele irá assumir o grupo, quando o primeiro se for. Olímpio sempre repetia esta frase, quando o assunto era morte: “Quando o senhor me quiser com ele, eu estou aqui esperando, ele pode vir agora, meu santo Cristinho, é ele quem decide”, diz olhando para o céu.

No dia seguinte, Chico Severo, do Sítio Cabeceiras, também sitiado, agora rodeado pela chegada da cidade, mora muito próximo ao cemitério, que pode ser avistado, assim como a capela, de dentro do seu sítio, ao cruzar pela mata. Francisco Severo, o mais velho de todos, octogenário, sentado em uma cadeira, conversa numa sequência de palavras da sua memória. Gorete auxilia com perguntas, atuando como uma possível intérprete da entrevista, para que ele entenda. Agrário, analfabeto e convicto da sua penitência, diz ser um admirador de Joaquim Mulato (1920-2009), que



para ele era “quem levava o grupo a sério”. Mulato era o primeiro decurião e hoje é seu Francisco Severo. Ele fala com muita seriedade sobre o grupo, segurando uma muleta para apoio na cadeira, e descreve sua memória, respeitando sempre os costumes que formaram a região e o grande padre “Cícero”, ícone na região de Juazeiro e do Crato. Seu Francisco reconhece a sua dificuldade em caminhar junto ao grupo, mas Gorete informa que ele ainda é líder e não precisa caminhar se não quiser, não precisa. Gorete diz que seu Francisco não precisa mais ser um penitente, não porque ele não quer, mas porque é muito conhecido, admirado e respeitado; desta forma, não tem motivo para continuar a penitência. Ele só precisa entender que ainda é o líder do grupo. Francisco Severo admite reconhecer o padre Cícero como grande padre e pessoa e que, mesmo ele não sendo penitente, é muito admirado. Ele, inclusive, já esteve no pé da estátua do padre por diversas vezes, mas na estátua de padre Ibiapina não – ele relata que tem uma estátua dele na cidade de Crato, mas nunca foi lá.

Trata-se de uma tradição passada de geração em geração, baseada na oralidade, que enfrenta dificuldades de prosseguimento. Sobre o possível fim do ritual religioso dos Penitentes da Cabeceira, Olímpio diz:

Esta nossa tradição está meio difícil de continuar! O decurião Severino Rocha está no hospital, e está meio assim. Este homem é o mestre do Sítio Cabeceiras e não tem mais condições de nada. Ele está no hospital e ele é o principal do grupo de lá. Eu fui ontem no hospital e fui rezar por ele.

Caso o primeiro decurião venha a falecer, a segunda voz, ou o segundo decurião, assume. No caso que explica sobre “esta tradição está difícil de continuar”, é pelo envelhecimento e morte dos mestres e a não sequência pelos jovens. Assim, quando um mestre falece, a segunda voz se torna a primeira. A história desta tradição oral é repassada formalmente de pai para filho, cabendo a este escolher entre ser penitente ou não. Segundo Olímpio relata:

Meu avô era penitente, e o meu pai também foi. Quando eu quis ser, meu pai não queria; mas meu avô me ensinava escondido e meu pai depois de me ver fazendo direito, me deixou continuar, e me entregou o cruzeiro perto da sua morte, que da mesma forma que o meu avô o fez com ele. Este mesmo cruzeiro é a cruz que representa a de Jesus e nos guia abrindo nosso caminho na mata e fazendo conforme nosso senhor quer. A gente caminhava à noite, sem qualquer luz artificial, a cidade era



pequena, caminhávamos dentro de sítios, ruas de terra e cruzávamos riachos cantando nossa oração... Agora, o grupo está se acabando, os filhos aprendem com o pai, como pai fez comigo. E esses jovens, não prestam atenção em nada.

Francisco Ludugero, então, completa:

É porque o penitente, que o penitente é que nem um cantor. O penitente tem de tirar o bendito da memória, tem de ter memória. Os jovens de hoje não sabem fazer isso de cantar os vinte e cinco pés sem errar. Nenhum jovem hoje se dedica pra isso não. Eles não prestam atenção nas coisa. A segunda voz não presta atenção na primeira, e tem a mesma obrigação, mas não presta não. A segunda voz tem de saber continuar, o canto da primeira voz quando tira, a segunda voz tem de saber e tem de acompanhar. Esse pessoal novo de hoje não tem como acompanhar.

Francisco Ludugero então continua:

O primeiro decurião morreu tem de poucos dias, o segundo que agora é o primeiro está internado. Então somente a terceira voz com a quarta vai fazer os cantos, mas conforme Olímpio, não vai dar sequência, por que não sabe e o grupo então tá se acabando. Aqui nós somos a primeira com a segunda, lá nas Cabeceiras, já está da terceira com a quarta voz, que já não tem sentido e não sabe. Se o Severino que já está se acabando e o seu Zé Preto também se acaba, a terceira e quarta voz não sabe fazer. Eles têm de voltar daqui do cruzeiro pra lá, porque não pode mudar. Tem de rezar do jeito que o decurião fazia. O problema é que não pode mudar. Deus quem decidiu assim. Isso é passado pelo primeiro decurião pro segundo. Não é só chegar aqui e cantar, não é isso. A doutrina já vem de lá – diz apontando para o céu.

Olimpio ressalta a tradição oral do ritual:

O nosso canto não está escrito em livro, jornal ou qualquer outro lugar, ressalta Olímpio, é sim uma revelação de Deus, pois assim é que ele quer. A doutrina vem de Deus. Foi quando o Anjo Gabriel adornou no mundo e aquele pregador, que é o santo, vi que o meu avô dizia para o meu pai e ele dizia: "Frei Caetano, Frei Celine, Frei João é o pregador. Saiu andando no mundo e pregando, conseiando é o missionário, chamou os missionários, ele foi pregador, ensinando tudo o que se tem de fazer".

Então, Olímpio canta um hino de memória:



*Quem quiser ganhar o céu/ é no caminho dos pregador/ filho da virgem
Maria amparou dos pecador (cantado)*

A comunidade dos penitentes do Sítio Lagoa e do Sítio Cabeceiras sente que o grupo está se acabando e esta tradição “sagrada” para o grupo está terminando, pois os jovens não tem mais interesse nesta prática religiosa. Estes dois grupos são determinados por regras criadas por eles mesmos, sem leis, ordens ou funções escritas, sendo somente memória e organização do imaginário. Levam esta prática como a adoção do verdadeiro ato da fé, seguindo as leis da Igreja Católica Apostólica Romana, respeitando seus ideais, não a contrariando, mas sim entendendo que a partir das práticas do grupo, da fé e da sentença que a penitência do mundo fez a Jesus, a imitação seria a forma de alcançar o paraíso ou ser perdoado pelos pecados. Este grupo é ditado pelas leis conservadoras da boa conduta, sendo que, no início dela, não se envolviam com os problemas das grandes cidades, como a exposição entre pessoas que fossem do grupo, hospitais, participações culturais, que trouxeram um modo diferente de ver o mundo e mesmo de ser visto por ele. Conserva a memória, como a maior fonte de formação do grupo. Respeitam sempre aos mais velhos, memorando uma conduta mais séria e determinada da penitência. Essas mesmas rezas, que são para espantar a seca e a fome do sertão, trazem estes instrumentos. Os instrumentos são “Campa” – chamada de santíssimo para orientar o grupo –, o cacho ou silim – para fazer o sacrifício em benefício do espírito – e a cruz – serve para guiar o grupo. Sem ela o grupo não sai. Neste grupo, reuniam-se em doze, em referência aos doze apóstolos de Cristo.

Esse ritual de autossacrifício do corpo em Barbalha é reservado somente aos homens, pois a tradição não reconhece a mulher como apta à penitência do corpo por sua fragilidade física. Segundo eles, a penitência é realizada por homens porque a mulher “não consegue suportar a dor” e por representar o sacrifício de Jesus, sempre citado como o “grande Salvador” ou como “aquele que morreu por nós”. São pessoas que levam a penitência muito a sério, pois veem nela o modelo de religiosidade vivido por Jesus. As mulheres participavam somente quando estes estavam dentro da Igreja ou caminhavam separadas do grupo. Elas não participavam aos pares, mas também cantavam os benditos, no entanto não como penitentes.

No segundo dia a entrevista foi com o Sr. Francisco Severo que tratou da questão do ritual de penitencia do corpo. Nesse ritual eles caminham pela cidade, das 17



horas até a meia noite, passam pedindo esmolas, que podem ser, às vezes, dinheiro, mas, na maioria das vezes, são alimentos doados. Em algumas casas, é dada uma mesa farta de bolos e alimentos para os penitentes. Na de Barbalha, a peregrinação é vista com muito carinho pelos moradores, que fazem questão de recebê-los em suas casas e observá-los na data da semana quando em procissão. As procissões também eram feitas quando qualquer pessoa está enferma, nas quais eles rezavam todas as noites pelo doente, carregando o cruzeiro e cantando orações. Francisco Severo falou também acerca da história do grupo de Penitentes de Barbalha:

Eu era ajudante de Joaquim Mulato, eu uso a roupa que era igual de Joaquim Mulato. Eu acho que significa, sabe que nos somos chefe. Este coração não tem relação com o cruzeiro. Nós não somos penitentes. Nós se sair daqui sem esse cruzeiro, não somos nada, tem de levar o cruzeiro. Quem leva o cruzeiro é chefe, tem e nós vamos cantando atrás. O chefe tem de ter o ajudante, pra tirar o bendito e os outros responde. O chefe lidera, ele vai ver se alguém do grupo está fazendo alguma coisa errada. Hoje não, mas antes a gente via se alguém tava jogando baralho, ou pegasse bebendo cachaça. Hoje todo mundo bebe cachaça.

Joaquim Mulato de Souza viveu no anonimato por quase 50 anos. Antigamente, não era permitida a apresentação do grupo nas cidades ou em local público. A penitência, segundo ele, foi feita para livrar o mundo da fome, da peste e da guerra. “A gente reza para se defender do inimigo”, diz ele. Além disso, ele foi seguidor do padre Ibiapina e manteve o celibatário solteiro. José Mulato de Souza informa que quando tinha oito anos, seu pai já era penitente e ele não sabia, ninguém sabia, somente a mãe dele. O clima de mistério que originava as características dos penitentes mantinha as tradições do grupo. Eles utilizavam os capuzes com aberturas somente para os olhos. No Sítio Cabeceiras, as cores negras das vestes somente traziam faixas brancas e no centro, em vermelho, “o sagrado coração de Jesus”. O penitente, segundo Joaquim, só caminhava à noite para seguir o anonimato. Esta tradição tem aproximadamente 160 anos e era mantida pelos penitentes da cidade de Barbalha organizados no Sítio Cabeceiras, no qual o penitente, nesse movimento religioso, tem de domar os desejos da carne e as fantasias do espírito por meio da penitência, sendo que o ritual é preservado como antigamente. Nesse tempo, a penitência era realizada em ritual privado, a identidade dos penitentes era desconhecida e somente revelada na morte, como se pode observar na fala de Francisco Severo:



Quando morria um, podia ser ou não penitente. A gente rezava a noite todinha com ele, e de manhã a gente enterrava ele. Ele só ficava conhecido pelos outros como penitente porque a gente levava a roupa dele, ele ia vestido assim do mesmo jeito que eu tô, com a roupa de penitente. A esposa, então, tinha de concordar que ele era um penitente, para que fosse colocado a roupa nele, no caixão. Hoje tudo é conhecido, todo mundo já conhece a gente. Até é bom, que a gente saia meia noite, pelo mato, no escuro e não via nada. Hoje a gente anda de dia, não tem mais perigo de buraco, de brejo, de unha de gato.

Indagado se hoje, depois que todo mundo conhecer os penitentes, principalmente por causa do documentário do SBT, ele considerava que os penitentes perderam seus valores principais, Francisco Severo responde:

Eu acho que não. Os penitentes são os mesmos. A gente só vai saber quando chegar lá. Mas a gente não sabe se Deus vai aceitar a gente assim descoberto, que antes a gente se cobria e hoje não. Eu não sou da época do seu Chico Severo, eu, hoje, caminho mais ele, mas não faço a penitência com o cacho. Esse costume de se açoiar não foi do meu tempo. Como ele faz (referindo-se a Severino), eu não faço não. E eu comecei a andar mais ele, por que eu tinha vontade de andar. Depois da época do falecido Joaquim Mulato, eu não podia andar, eu falei com ele, mas não deu certo. Eu fui insistindo, insistindo, aí Severino dizia: Depois que casa, a gente te deixa. Sendo solteiro não pode de andar. Tem de ser casado na Igreja Católica. Se for só no civil não pode. Doda se casou, e já no dia seguinte, já pode andar. Assim queria Joaquim Mulato.

A origem da ordem dos penitentes do Cariri é semelhante à origem das irmandades de flagelante medievais que foi formada a partir da Peste Negra na Idade Média. O grupo do Brasil se originou a partir do padre Ibiapina, que trouxe esta tradição. A esse respeito Francisco Severo esclarece:

Foi padre Ibiapina quem fundou. Foi Ibiapina quem fundou. Teve um tempo muito ruim, pesada no Crato-CE, aí onde padre Ibiapina andou, e aí deixou essas leis de penitentes – o cólera – pra fazer a penitência pra combater essas doenças. Teve a doença lá no Crato, aliás em todo o canto. Não dava nem tempo do Peão, abri a cova pra enterrar um, já vinha um outro monte, e quem cavava também caía na cova. Joaquim Mulato trouxe pra nós aqui, pra ver se combatia mesmo aqui a doença, que vinha do Crato. Fez casa de caridade, o cemitério ali, das Cabeceiras. Joaquim Mulato que era o chefe. Os penitentes ninguém



conhecia não. Os primeiros penitentes ninguém conhecia não. Os primeiros penitentes só andava na meia noite, dentro de casa, sozinho. O povo não conhecia os penitentes. Eu comecei a anda nos penitentes com 8 anos de idade. Depois que o prefeito pediu que nos andasse de dia na cidade, o povo ficou ficaram nos conhecendo, aí vieram os repórter, ainda os penitentes descuidavam, aí começaram a descobrir as casas dos penitentes. Nas cidades, só ficamos andando depois que o prefeito no pediu pra gente ir né. Quem ninguém conhecia o que é. Aí depois o repórter foi levando pra tudo quanto é canto.

No período medieval, os rituais de penitência que surgiram nos primeiros séculos da Era Cristã serviam para domar os desejos da carne e as fantasias do espírito e para conter os efeitos da Peste Negra (LE GOFF, 2007). Na região do Cariri, surgiram pela peste e pela fome, incentivados pelo padre Ibiapina, que cuidava dos pobres e trouxe os benditos (RIBEIRO, 2003, p. 50). O grupo das Cabeceiras, chegou a reunir mais de 180 benditos, rezavam o terço e utilizavam o “cacho” (lâminas de metal para autoflagelo). A cada chicotada, as lâminas de aço reforçam uma atitude que passa pelo livre arbítrio: dessa maneira manifestam sua fé. A penitência é reforçada pela cólera, ou a epidemia do mundo. O autoflagelo, atualmente, não acontece mais, são feitas somente a esmola e a oração. O segredo que se manteve durante muito tempo até mesmo da família dos penitentes se perdeu após estes serem procurados pela mídia, que os expôs em público, tirando o seu anonimato.

Considerações finais

Na cidade de Barbalha, localizada no sertão do Cariri no Ceará, pessoas comuns realizam rituais de autoflagelo do corpo, assumindo por meio de seus gestos, vestes, instrumentos e cantos uma conduta religiosa de autossacrifício. São pessoas geralmente ágrafas que herdaram essa tradição do pai e do avô ou foram influenciadas pela cultura religiosa local. Em Barbalha ainda existem dois grupos isolados, um no Sítio Lagoa e outro no Sítio Cabeceiras, que lutam para manter uma tradição que está morrendo pois os jovens da comunidade não estão dando sequência aos rituais de autoflagelo.

Estes mesmos homens mantiveram por muito tempo a tradição do autoflagelo em segredo até mesmo de suas esposas, famílias e vizinhos, reservando-se como penitentes por vocação e não para serem um modelo a ser seguido. No início somente os penitentes se reuniam em um ritual privado, mas hoje a tradição se tornou pública. Houve uma publicidade do ritual pela prefeitura da cidade de Barbalha, em busca de



visibilidade de sua cultura popular regional e uma exposição pela mídia com o documentário de 2007 do SBT. Essa publicização, não desejada pelos membros dos grupos penitentes, explica em certo sentido porque não se encontram novos adeptos para dar continuidade ao ritual que tornado público não garante mais o anonimato de seus penitentes.

REFERÊNCIAS

- DA-RIN, Silvio. (2006), **Espelho partido**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial.
- FREIRE, Sandra Nancy Ramos. (2001), **O coro dos penitentes**: uma outra abordagem para o ensino da arte. Monografia, URCA - Universidade Regional do Cariri, Crato-CE.
- FREIRE, Marcius; LORDOU, Philippe. (2009), **Descrever o visível**: cinema e documentário e antropologia fílmica. São Paulo: Estação Liberdade.
- LE GOFF, Jacques. (2007), **O Deus da Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. (2005), **Sobre o sacrifício**. São Paulo: Cosac Naify.
- OLIVEIRA, Carla Mary (2006). “Glorificação dos santos franciscanos do convento de Santo Antônio de Paraíba”: Algumas questões sobre a pintura, alegoria barroca e produção artística no período colonial. **Revista de História e Estudos Culturais**. UFPB, vol. 3, ano III. N.4.
- RIBEIRO, J.M.C. (2003), **Entre a penitência do corpo e o corpo em festa: uma análise das missões do padre Ibiapina no Ceará (1860-1883)**. Dissertação (mestrado), UFC, Fortaleza.
- SUESS, Gunter Paulo. (2001), **Catolicismo popular no Brasil**. São Paulo: Editora Loyola.
- VIEIRA, Maria da Dôres Pinheiro da Costa. (2001), **Os penitentes do rosário da mãe de Deus**: Conformismo ou resistência. Monografia, URCA - Universidade Regional do Cariri, Crato-CE.